

## Considerações finais

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. Considerações finais. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 153-291. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno do imigrante ao país de origem significa muito mais do que voltar ao lugar que parecia ser familiar. A volta, portanto, não é tão simples como imaginamos ser. Os *dekasseguis* dizem sentir o problema de retorno à sua terra natal; como mencionam Assis e Campos (2009), “voltar é muito mais difícil que partir”. O retorno ao país de origem traz muitos “estranhamentos”, dificuldades de adaptação ou readaptação ao que era familiar e que agora demonstra um aspecto “estranho”, principalmente de lembranças, ou seja, referências anteriores que os imigrantes tinham vivas em sua mente e que já não condizem com a nova realidade. O tempo é outro, faz parte de um passado que não existe no tempo presente e, além disso, o espaço geográfico modificou-se com o tempo, a paisagem não é mais aquela do passado, e, ainda com tudo isso, a família ou parentes que ficaram no Brasil se tornam “líquidos”. Não conseguem se encontrar mais nos mesmos espaços e tempos passados, que, pelo menos, serviriam de conforto e amparo emocional. Sentem-se desamparados ao não encontrar mais a vida passada.

Conforme Grinberg e Grinberg (1984), ao chegar num mundo desconhecido, o imigrante pode encontrar muitas dificuldades internas de se integrar ao meio, por entrar em contato com objetos que lhe soam estranhos, tais como o idioma, os costumes e tantos outros

aspectos que compõem o lugar. Surge o temor de não conseguir se comunicar com os outros e consigo mesmo.

Morar em outras terras é enfrentar o novo e o desconhecido. Ademais, é construir outra “subjetividade”, “formas diferentes de pensar, sentir, perceber e falar, exige transformações pessoais profundas que beiram a uma despersonalização ou a um desmanche da identidade pessoal, difícil de ser suportada” (Justo, 2008, p.100).

Para essas crianças, filhas de *dekasseguis*, “partir” para o Brasil talvez não estivesse em seus projetos. Diante dessa nova realidade migratória, elas têm vivenciado muitos sofrimentos emocionais.

Essas crianças tiveram que fazer mais de um nascimento nessas idas e vindas ao Japão e ao Brasil. Qual seria o refúgio dessas crianças no Brasil, já que Eiko nasceu no Japão e tem algumas recordações remotas do Brasil? Apesar de as crianças Letícia e Goro terem nascido no Brasil e terem ido para o Japão em tenra idade, praticamente não trazem lembranças de suas vivências anteriores em terras brasileiras.

Nessas andanças migratórias entre Japão e Brasil, pais e filhos fazem vários nascimentos em família. Como é o retorno ou a volta dos *dekasseguis* em família para o Brasil? As dificuldades de adaptação ou readaptação geram desamparo emocional? O desconhecimento da língua portuguesa nessas crianças imigrantes leva ao desamparo emocional?

A vida por si só já pode ser considerada uma imigração, logo após o nascimento do indivíduo. O indivíduo, quando nasce, se desloca de uma condição de certo conforto gestacional para uma nova condição de vida, ou seja, se depara com um mundo desconhecido, vivendo ansiedades persecutórias, depressivas e confusionais.

Freud (1925-1926/1996) esclarece que a ansiedade é algo que se sente – um estado afetivo, portanto. A ansiedade é resultado de um aumento de excitação que, por um lado, produz o caráter de desprazer e, por outro, encontra seu alívio por meio dos atos de descarga.

Para Rank (apud Freud, 1925-1926/1996, p.147), “o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de ansiedade”. Conforme Freud (1920-1922/1996), a ansiedade é um estado

particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido.

Esse novo nascimento desses imigrantes na terra brasileira seria feito em família, uma vez que os pais estariam retornando com seus filhos. Portanto, eles não estariam mais sozinhos.

Para Grinberg e Grinberg (1984, p.138), a família é uma “capa protetora” para a criança. No entanto, os autores relatam que esses pais se encontram desestabilizados emocionalmente com a migração e também precisam de um continente, pois se sentem desamparados.

*Na verdade, a dificuldade já começa lá no Japão. Você vai sair de lá e medo de crianças, escola. O ano letivo lá não casa com o ano letivo daqui. Então, esse é um problema muito grande nessa questão.*

Conforme a citação anterior, relatada pelo senhor Ito, a possibilidade de se reencontrar com a terra brasileira gera preocupações e medos antes mesmo da partida do Japão rumo ao Brasil. Enfatizamos que as suas preocupações de retorno ao Brasil estavam ligadas às crianças e à futura vida escolar.

Diante da fragilidade emocional dos pais imigrantes caracterizada por dois momentos de experiência, da “partida” e da “chegada”, podemos pensar até que ponto esses pais conseguiram ser a “capa protetora” dos seus filhos, já que eles também estariam vivendo uma experiência de desamparo emocional.

Além das preocupações com as filhas, os pais de Eiko e Letícia também viviam momentos de muitas incertezas com relação ao futuro emprego e ao sustento da família no Brasil.

*Lógico, na verdade o retorno para o Brasil você lança do mesmo jeito. Quer dizer, a diferença básica na verdade você não consegue mais ver, prever o futuro, daquela maneira que a gente se previa. [...] Atualmente monta uma empresa e a gente não sabe bem o dia de amanhã. Até pelo menos você conseguir formar e engajar a empresa fica complicado mesmo. O momento de incerteza.*

O senhor M. Hossokawa, citado por Asari e Tomita (2000), mostra que os *dekasseguis*, ao retornarem para o Brasil, se deparam com a falta de emprego e uma formação profissional.

Os pais se sentem castrados em terras nipônicas, ou seja, perdem a potência salarial que lhes garantiria a continuidade de morada no Japão. Eles perdem o objeto bom internalizado e idealizado. Portanto, esses pais vivem muitas perdas, inclusive a perda da segurança financeira que haviam adquirido e que lhes permitia lidar com a lógica e a previsão em terras japonesas. Na atual situação, esses pais se viram desamparados na terra dos seus avós.

Sasaki (2004) menciona que há relatos de trabalhadores *dekasseguis* sobre as muitas dificuldades para retornarem ao Brasil, entre as quais a falta de condições financeiras e os baixos salários brasileiros comparados àqueles pagos no Japão.

Ao perceber que tomou sozinho a decisão de retornar para o Brasil, não dando opção de escolha para as suas filhas, o senhor Ito experiencia o sentimento de culpa, por separar as filhas do mundo japonês. Podemos pensar aqui em um “duplo sentimento de culpa”, pelo “medo em dobro”: por sua tomada de decisão de retorno ao Brasil e por perceber o sofrimento das filhas. Ou seja, o pai se responsabiliza por todos os transtornos ocasionados pela migração.

O senhor Ito assume uma posição tipicamente depressiva ao constatar as dificuldades de adaptação e o sofrimento emocional de suas filhas, depois de seis meses morando no Brasil. Trata-se de uma situação diferente do seu estado emocional no Japão e da chegada ao Brasil, quando lidava com ansiedades persecutórias e confusionais por causa da real situação econômica japonesa que influenciou e afetou os planos da vida familiar – ou seja, pensar na volta para o Brasil era, ao mesmo tempo, pensar na “saída” e na “solução” do problema, mesmo que fosse momentâneo, como uma pulsão de vida para autopreservação da espécie. O senhor Ito age com onipotência sobre a decisão de retorno ao Brasil, como se fosse um tripulante de um navio vivendo um naufrágio e que luta pela sua sobrevivência e de sua família.

O imigrante pode ser considerado um sobrevivente por natureza, em razão de tantas intempéries emocionais que percorre

durante a sua vida migratória. Ele demonstra a enorme capacidade de resiliência e a plasticidade do ser humano para viver em condições adversas.

Para a senhora Haru, os abalos sísmicos e os problemas com as radiações das usinas nucleares japonesas despertaram medos e inseguranças. A família passou a viver no Japão sentimentos primitivos de ansiedade, como o medo de aniquilamento. A fantasia de que a terra japonesa agora é um objeto mau e que representa ameaça de morte a seus filhos imigrantes passa a ser constante na vida deles. O retorno para o Brasil se configura, subjetivamente, como um mecanismo de defesa, de fuga para a sobrevivência do ego, deixando para trás um ambiente inseguro e refugiando-se em terras brasileiras.

*Eu falei primeiro que a gente estava voltando. Uma, pela condição do Japão, né? Já estava apresentando risco. Nós já presenciamos o terremoto, lá em Nagano, apesar de ser um estado longe, nós sentimos. Abalou. Até que as crianças ficavam meio assim, toda vez que ficava balançando as coisas, eles ficavam com medo. Até tinha deixado uma bolsa de emergência junto, perto, quando acontecesse alguma coisa pra gente poder correr, né?*

Podemos dizer que os perigos vividos pela senhora Haru, no caso, os abalos sísmicos japoneses, eram perigos reais e, portanto, conhecidos. A ansiedade sinal ou de alarme corresponde a um perigo já vivido, de uma experiência anterior, e que se repete de forma atenuada, como um aviso ou sinal de alarme. Portanto, é uma forma que o ego encontrou para se preparar e proteger de um perigo interno ou externo, evitando a ansiedade automática, que é a ocorrência de uma situação traumática e cuja essência é uma experiência de desamparo por parte do ego, com o qual não pode lidar (Freud, 1932-1936/1996).

Os pais *dekasseguis* e seus filhos vivem momentos difíceis nas terras dos seus antepassados. “Partir” ou “ficar” – é assim que os pais se viam naquelas semanas precedentes à viagem de retorno ao Brasil, pois a a volta não seria tão fácil para essas famílias que já

estavam morando havia alguns anos no Japão. Teriam que deixar tudo para trás, não somente o Japão, mas a história de suas vidas.

Para Grinberg e Grinberg (1984), o trabalhador estrangeiro tem um tempo determinado para retornar ao país de origem e é visto pelos locais mais como um convidado desejado do que um intruso, ao passo que os “imigrantes”, mesmo com autorização para ingresso e trabalho no país receptor, como é o caso dos *dekasseguis*, são percebidos como intrusos, perigosos, não confiáveis e tantas outras peças negativas. Formam uma categoria social específica, decorrente do lugar em que são colocados, pelas funções que exercem e catalisam nos planos econômico, político, cultural e psicossocial. Portanto, o “estrangeiro” tem um prazo determinado para deixar o país, ou seja, a sua estadia no exterior tem um “fim”; já o “imigrante” é quem decide a sua condição de “ficar” ou “partir” do país receptor.

As famílias, ao chegarem ao Brasil, normalmente são acolhidas pelos parentes que as esperam no aeroporto. É de extrema importância esse acolhimento familiar para o imigrante que retorna de outro país. Na partida ou na chegada, os parentes que ficaram no Brasil, a princípio, servem como uma âncora protetora, ou seja, um continente para amparar os que vão embora e os recém-chegados no que diz respeito aos sentimentos de estranhamento e de choque cultural no país de chegada.

A idade da criança imigrante é relevante no processo migratório, conforme destacam Grinberg e Grinberg (1984), uma vez que a imigração é experienciada de forma distinta para cada fase; a adolescência, por si só, já é uma fase migratória, pois, segundo esses autores, o adolescente encontra-se em transição para a vida adulta.

O senhor Ito também aponta a idade da criança imigrante como fator relevante no processo de adaptação/readaptação no país. Quando se deslocam bebês ou crianças menores para outros lugares ou outros países, estes parecem assimilar mais facilmente a nova vida. Além do mais, o senhor Ito enfatiza que a dificuldade maior foi no retorno para o Brasil.

*Com certeza! O processo de adaptação no Japão e no Brasil devido à idade. Acho que o processo de adaptação foi mais acentuado, a dificuldade maior foi aqui no Brasil do que no Japão devido à idade. Ela foi com 3 anos e retornou já estava com 10. Então, essa questão de como ela foi muito pequena para lá, a adaptação ficou até mais fácil e a aceitação foi bem melhor do que agora.*

A idade da criança imigrante deve ser considerada nesse processo de deslocamento. Eiko havia terminado o terceiro ano na escola japonesa e iniciado o quarto ano no Japão. Ela chega ao Brasil com 9 anos e 9 meses de idade e ingressa na escola alfabetizada na escrita japonesa. A língua portuguesa lhe soa estranha e é desconhecida por ela.

Ao nascer, o indivíduo faz sua própria imigração, e Grinberg e Grinberg (1984) consideram a história que cada um percorre durante a sua vida. Entretanto, o indivíduo é um imigrante de seu mundo ao fazer a sua própria história. Apesar de sua pouca idade como (e)imigrante, Eiko está vivendo outra fase migratória em sua vida. Atualmente, está com 13 anos de idade – transitando da infância para a vida adulta –, encontra-se na adolescência, crescendo para atingir a maturidade. Entre dois mundos, a infância e a puberdade, no meio das turbulências próprias da adolescência, aparecem turbilhões de emoções e não se sabe qual é o caminho a ser enfrentado nessa longa jornada de transição.

Além do fator idade, temos que levar em consideração o grau de escolaridade dessas crianças no ato da migração. Eiko se alfabetizou na língua japonesa e concluiu no Japão a 3ª série, iniciando a 4ª do ensino fundamental, ao passo que Letícia, aos 6 anos, cursou a metade da 1ª série no Japão e retornou aos 7 anos de idade para o Brasil; e o menino Goro chegou ao Brasil com 9 anos de idade, tendo cursado no Japão até a 2ª série do ensino fundamental.

A questão do tempo de permanência da criança imigrante na escola japonesa também pode ser considerada um impasse na chegada à escola no Brasil e gerador de desamparo emocional?

Será que o fator idade contribui para intensificar o desamparo emocional dessas crianças (e)imigrantes?



Pudemos constatar na pesquisa que são três crianças dentro da própria família que fazem caminhos escolares distintos por causa da idade, do grau de escolaridade e da escolha de seus pais. Eiko e Goro chegaram ao Brasil com quase a mesma idade. Goro, após chegar ao Brasil, não foi matriculado imediatamente na escola, mas, sim, numa escola de idiomas, o que lhe permitiu ter contato com a língua portuguesa e se preparar para a alfabetização. Eiko e Letícia, por sua vez, foram matriculadas na escola de ensino fundamental sem esse preparo anterior e conhecimento do idioma.

O senhor Ito e a senhora Natsu, pais de Eiko e Letícia, acreditavam, na época, que contratar uma professora de língua portuguesa e estudar junto com as filhas possibilitaria, de forma rápida, a obtenção de excelentes resultados. Pressionadas pelos seus pais, Eiko e Letícia tinham que aprender a todo custo a nova língua; portanto, a família se depara com uma real necessidade escolar.

Esse momento de vida para essas crianças representa um novo e duro nascimento. As crianças filhas de *dekasseguis* perderam não somente a língua japonesa, mas também toda uma representação cultural vinculada a uma maternagem oriental vivida na relação com as professoras das escolas japonesas e com a própria mãe que, ao tornar-se imigrante, muda sua forma de se relacionar com os filhos.

Os pais de Eiko e Letícia, ao proibirem o uso da língua japonesa e de tudo que se referenciasse ao Japão dentro de casa, quebraram a construção da comunicação subjetiva e do pensamento abstrato familiar. O sentimento dessas crianças é de se sentirem “estrangeiras” dentro do próprio lar.

*PESQUISADORA: Vocês conversavam em português dentro de casa com elas no Japão? SRA. HARU: Só japonês.*

Ao chegaram ao Brasil, Eiko e Letícia perderam os pais bons e se depararam com os pais onipotentes, castradores, ou seja, pais ruins. Os métodos de aprendizagem dentro de casa com os pais são considerados drásticos pelo próprio senhor Ito, como mostra no relato seguinte:

*Mas os métodos de adaptação foram um pouco drásticos. Tentamos, inicialmente, um ponto inicial: forçar o português de tudo qual jeito. Foi forte, foi brusco, de tudo que ela tinha aprendido na cultura dela, tudo que ela levava e vivia simplesmente jogar [...]. Inicialmente foi feito um tipo de uma coisa, vamos falar assim: de cortar a utilização do poder, de cortar, por exemplo, a língua japonesa, cortar desenhos, cortar, tentar tirar um pouco. Isso foi muito drástico, foi uma revolta muito grande e não estava dando. [...] [Foi] logo no início. Na verdade ela tinha excesso de dados, tinha aula particular, a gente ficava todos os dias até sete e oito horas da noite estudando. Passava o dia inteiro estudando e contando um para o outro: A língua portuguesa, não sei! Então, cortamos todas as regalias. Acaba indo, naturalmente, ela acaba indo para a língua japonesa. Forçamos bastante nesse quesito, mas não houve resultado positivo. Então, era muito, não aceitava. Chorava muito. Então, para aceitar estava muito difícil.*

O desamparo emocional já é sentido dentro da própria família. Contradizendo Grinberg e Grinberg (1984, p.138), que ressaltam que a família é considerada uma “capa protetora”, no exato momento da migração esses pais estavam desajustados emocionalmente, viviam uma situação de desamparo e precisavam de ajuda alheia. No ato da migração, os pais e as crianças não tiveram a quem recorrer, ou seja, a quem gritar um pedido de socorro. As crianças se viram sozinhas, sem um continente que as pudesse acolher emocionalmente.

Podemos pensar na noção freudiana de desamparo, apresentada pela primeira vez em 1895 no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1886-1889/1996), no contexto sobre “a experiência de satisfação”, que expressava que :

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo

inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais [Cf. p.420]. (Freud, 1886-1889/1996, p.370.)

Paradoxalmente, o senhor Ito e a senhora Natsu estão em torno das crianças, porém ausentes de olhares e escutas emocionais para com as suas filhas. Esses pais não puderam dar às filhas o amparo emocional de que elas tanto necessitavam na época. Não havia uma linguagem familiar que pudesse interpretar e ligar os dois mundos: dos pais e das crianças, que se tornaram quase “incomunicáveis”.

De acordo com Winnicott (1896-1971/2005, p.26-7), cujas teorias contribuem para a compreensão da capacidade materna na relação com o bebê, “O *holding* tem muita relação com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê. Um *holding* satisfatório é uma porção básica de cuidado [...]”. Portanto, logo na chegada ao Brasil, as filhas Eiko e Letícia perderam o continente da linguagem familiar e se depararam com a falta da relação materna satisfatória, que proporcionaria às crianças uma maior capacidade de desenvolvimento emocional.

Os sonhos de Letícia revelam imagens de ansiedades persecutórias de uma fuga familiar pela sobrevivência. De acordo com um de seus sonhos, a imagem do monstro que a perseguia e que trazia medo se assemelhava à imagem do ser humano. Associa uma família que está perdida em algum lugar e, ao mudar a paisagem do sonho para o ambiente familiar que denomina de “casa”, sente-se internamente amparada; porém, a porta que se abre nessa nova história nos remete ao contato de Letícia com o novo ambiente misturado com sentimentos de vida e morte. O frio e a ameaça de congelamento sentidos pela criança no sonho nos mostram que o perigo sentido por ela está no mundo externo. De acordo com Freud (1925-1926/1996), a ansiedade é algo que se sente, sendo, portanto, um estado afetivo. Esse sonho é uma manifestação do sofrimento emocional de desamparo de Letícia, e o “tremor” indica o quanto a família estava totalmente desamparada emocionalmente e precisava ser coberta por uma continência humana.

Às vezes, eu sonho quando a minha família está em algum lugar, fugindo de alguma coisa e troca. Acho que estava fugindo de um monstro que a gente não estava conseguindo pegar e quase quando pega o monstro e vai para o outro sonho. PESQUISADORA: Como que é esse monstro? LETÍCIA: Era grande, maior que a gente, barrigudo, barba, cabelos, mãos, pernas e usava roupa. Parecia com o ser humano mesmo. Ele poderia dominar o mundo, e a gente não queria que ele dominasse, por isso que a gente quase o pegou e mudou para outro sonho. O outro sonho mudou para a nossa casa. Estava vivendo muito feliz. A porta e a janela estavam fechadas, a gente tremia de frio, a gente era muito feliz. Quando abriu a janela e a porta, nós morremos de frio e acabou o sonho. PESQUISADORA: Como é morrer de frio? LETÍCIA: A gente estava tremendo, que quase a gente congelou de frio.

A experiência de mudança de lugar é tão forte e marcante, na saga migratória dos *dekasseguis*, que até os sonhos utilizam a mudança como principal metáfora. Letícia destaca, nas narrativas de seus sonhos, imagens de mudança e também as utiliza (de um sonho a outro) como estratégia de enfrentamento de ansiedades emergentes.

## Língua

No Japão, pais e filhos falavam a mesma língua, a japonesa. No Brasil, passam a falar uma língua diferente – a língua portuguesa –, ou seja, a língua “estrangeira” para as crianças.

No livro *Língua(gem) e identidade*, no texto “Sendo índio em português”, Tereza Machado Maher (1998, p.120) mostra o desejo dos professores índios de aprender a língua tradicional do seu povo para ensiná-la aos alunos.

Esta vontade [de aprender Shawādawa] vem porque além de ser a nossa língua de minha comunidade, ela é nossa língua própria mesmo [...] Eu falo, eu estou falando aqui em português: a cara, a língua, a boca tudo é minha, agora a fala não é minha porque é

emprestada [...] [após uma pequena pausa, sorrindo] Num é e é, né? vai e vem [...] é, e num é.

Podemos perceber, nesse discurso, que o professor índio, ao mencionar a língua portuguesa, diz que a sua fala está sendo “emprestada”, desconsiderando a língua portuguesa como língua nativa.

Qual é a língua nativa de Eiko, que nasceu no Japão e foi educada na língua japonesa? E quanto à língua de Letícia, que nasceu no Brasil e migrou para o Japão antes de completar 1 ano de idade? Ela teve a mesma formação educacional de sua irmã Eiko? E o menino Goro, brasileiro nato que partiu para o Japão com quase 2 anos de idade? Sua educação teve o mesmo desenvolvimento de suas primas? Qual será a língua emprestada dessas crianças?

Esse é outro entrave com o qual nos deparamos: a barreira da língua portuguesa. Durante toda a sua permanência no Japão, essas três crianças estudaram somente em escolas japonesas. A comunicação dos pais e filhos no Japão ocorria na língua japonesa. Portanto, no Brasil, os pais fazem o processo inverso, usam a língua “estrangeira”, ou seja, a língua portuguesa, uma língua que não era da compreensão das crianças, para se comunicar em família. Esse rompimento com a língua japonesa foi imposto, pelos pais de Eiko e Letícia de maneira drástica.

*EIKO: Hum... Com a palavra em português está um pouquinho difícil. E também não conseguindo ir junto com os meus colegas, eu atrasei um pouquinho.*

*PESQUISADORA: Por que você acha que não consegue aprender muito? EIKO: Hum. Porque é me acostumei no Japão e eu nunca usei o português no Japão. E acostumei falar japonês e não estou conseguindo aprender muito o português e é difícil.*

*EIKO: Eu com minha irmãzinha falava japonês. Às vezes ensinava falar português, mas não conseguia aprender escrever, mas minha mãe e meu pai conversava em português e eu não entendia.*

Essas crianças, além de lidarem com tantas perdas – a vida em terras japonesas, os vínculos que lá construíram e deixaram para trás –, também perderam o convívio com a cultura do país que elas consideravam familiar, além da única língua que até então conheciam e que fazia parte do seu mundo.

O desamparo emocional desencadeado pela perda da língua japonesa, que tem toda uma representação simbólica e cultural, traz à tona o trauma do nascimento. Eiko se vê sozinha e desamparada, não podendo contar com a ajuda dos próprios pais.

São muitas as barreiras da língua enfrentadas por essas crianças no Brasil: transcendem outros territórios, trazem dificuldades e afetam a comunicação com os próprios parentes que as acolheram no Brasil, além de prejudicá-las no ambiente escolar. Essas dificuldades de compreensão da língua oral são sentidas pelas duas partes: por aqueles que estão ao redor dessas crianças e pelas próprias crianças imigrantes, que desconhecem a representação da linguagem cultural brasileira. Portanto, ambos os lados desconhecem o mundo do outro.

*PESQUISADORA: O Japão e o Brasil ficam misturados? LETÍCIA: Não! Não é que o Japão é tão fácil. Eu fui para o Japão e ficou fácil para mim. Estudei desde criança. Quando vim para o Brasil ficou difícil para mim, porque não acostumava, não sabia ler. PESQUISADORA: Você assistia aos filmes brasileiros no Japão? LETÍCIA: Não. Porque não sabia o português.*

*PESQUISADORA: Quando chegou ao Brasil, qual era a sua dificuldade? GORO: De falar. É ruim um pouquinho, complicado para mim. Difícil de aprender. PESQUISADORA: Como fazia para falar? GORO: Falar com cuidado, pra não errar. PESQUISADORA: Quando chegou ao Brasil, falava português ou japonês? GORO: Português. Alguns queriam que falasse japonês. Alguns meninos, né. Eu falava o japonês e português. Falava um pouquinho errado o português. PESQUISADORA: Parece-me que hoje você tem falado melhor o português? GORO: Senão, as pessoas não entendem. PESQUISADORA: Parece-me que também tem conseguido entender melhor o português. GORO: O português.*

As paisagens e a língua dos sonhos dessas crianças estão no mundo oriental, conhecido e dominante em seus pensamentos e sentimentos.

*GORO [tradução da senhora Haru]: Falo a língua japonesa no sonho. Nunca sonhei com nada daqui. SRA. HARU: No Japão, Goro dormindo chorava muito à noite. Aqui no Brasil, ele sempre está mais alegre.*

*EIKO: Com mais paisagens do Japão, porque lembro muito tempo, fica na cabeça.*

*Todo japonês [ri]. Quando sonho no Brasil é japonês, não sei o porquê. Nunca sonhei português, nem inglês e língua diferente.*

O esquecimento da língua japonesa traria muitas perdas para Eiko. A língua japonesa, além de representar a mãe japonesa, o objeto bom internalizado, também é uma forma de estimular uma integração com as outras crianças descendentes de japoneses que moram no Brasil e que estudam a mesma língua, a quem Eiko conhece. Portanto, manter a língua viva para Eiko é manter o desejo vivo do sentimento de retorno e a possibilidade de se encontrar novamente com a mãe oriental.

*PESQUISADORA: Por que tem que estudar japonês? EIKO: Para não esquecer e não perder para a minha amiga.*

A competição instigada pelos próprios descendentes de japoneses nesses testes de proficiência da língua japonesa gera um sentimento de disputa entre eles, como se fosse uma corrida para ver quem conhecesse melhor a mãe japonesa. Esse desejo veemente pelo conhecimento do mundo japonês buscado pelas crianças filhas de *dekasseguis* representa o filho que, mesmo de longe, está vinculado às lembranças, às experiências, à linguagem mecânica e cultural do país.

## Retorno para o Japão

Segundo Higa (2006), o “voltar atrás” não é no sentido da cura, mas, sim, no sentido da elaboração, ou seja, o retorno ao passado é vivenciado como meio de libertação.

Lembramo-nos de Eliade (1972), segundo o qual, na tentativa de abolir o tempo, de dominá-lo diante do tormento de passagem e da finitude humana, o homem utiliza da técnica de “voltar atrás” ou de “retornar às origens”, ou seja, “para curar-se da obra do tempo é preciso ‘voltar atrás’ e chegar ao princípio do mundo” (Higa, 2006, p.34).

Justo (2008) corrobora que o desejo de retornar ao país de origem se mantém vivo e forte no imigrante. Esse retorno não difere de outras experiências de voltar ao lugar de origem, para o lugar que se conhece, marcado pela história de sua infância que representa em suas memórias o passado.

Segundo Justo (2008, p.110), partir e retornar estão intrinsecamente relacionados. O autor cita o exemplo do viajante que, na despedida, já manifesta o desejo de voltar. Portanto, despedir-se dizendo “até a volta”, “volte sempre” ou “volte logo” faz parte do vocabulário do cotidiano alimentado pela ânsia do retorno.

*Fazer muitos amigos. Fazer compras nas lojas. Fazer uma casa.*  
PESQUISADORA: *Hoje você sente vontade de voltar para o Japão?* LETÍCIA: *Tenho como antes.* PESQUISADORA: *Aqui no Brasil, como se sente?* LETÍCIA: *O Brasil é o lugar que nasci. Agora estou de volta. De primeiro achava que era um lugar chato. Agora, estou gostando.*

As filhas de *dekasseguis* são crianças que têm a experiência de viver em duas culturas. Notamos em Eiko o sentimento de ambivalência, o de ficar no Brasil, mas também o de construir o futuro próximo no Japão.



*EIKO: Que é “intenção”? PESQUISADORA: Vontade. Qual a sua vontade? EIKO: Quero ir no Japão fazer outras coisas, fazer minha faculdade, mas também quero ficar no Brasil e fazer o [Nome do comércio dos pais], meu pai e mãe vai [Nome do comércio dos pais], porque fica velho no [Nome do comércio dos pais], então também quero ficar no Brasil e no Japão.*

O desejo de retorno não é somente encontrado nos adultos; as crianças também mostram o desejo de voltar à terra japonesa.

*PESQUISADORA: Você prefere o Japão ou o Brasil? LETÍCIA: Os dois. Acho que é legal. PESQUISADORA: Você sente muita falta do Japão? LETÍCIA: É. PESQUISADORA: Você está sempre pensando no Japão? LETÍCIA: Sempre. Acordo e durmo. No Japão tinha coisas legais. Tinha neve. Coisas que eu interessava. PESQUISADORA: O que você gosta no Brasil? LETÍCIA: Gosto dos meus amigos, que são legais. Coisas para aprender. Acho que gosto mais ou menos. PESQUISADORA: Está falando que do Brasil gosta mais ou menos. E do Japão? LETÍCIA: Eu gosto muito! PESQUISADORA: Você pretende algum dia voltar para o Japão? LETÍCIA: Quando crescer, eu quero tentar ir. Morar lá. Fazer faculdade. PESQUISADORA: Qual a faculdade que gostaria de fazer? LETÍCIA: Não sei ainda. PESQUISADORA: Você sonha com o Japão no seu futuro. LETÍCIA: Sim.*

Pensar em voltar é a forma que o ego encontrou para não se desvincular da terra-mãe. A distância da terra-mãe gera conflito com a realidade (Hashimoto, 1995).

*PESQUISADORA: Você quer saber alguma coisa do Japão? LETÍCIA: O Japão está tendo terremoto? PESQUISADORA: O Japão tem terremotos. É um país que vive com terremotos. LETÍCIA: Quando crescer quero ir ao Japão. Fazer doações de doces e moedas. Fazer uma fábrica de docinhos para crianças normais também. Eu quero tentar qualquer coisa. No Brasil o emprego é difícil também. Eu quero ser cantora também. Eu só sei cantar música do Japão.*

*PESQUISADORA: O que sente e pensa quando vê as fotos do Japão?*  
*LETÍCIA: Às vezes penso que quero voltar mais uma vez para o Japão.*  
*PESQUISADORA: O que iria fazer no Japão?* *LETÍCIA: Brincar mais.*  
*Fazer as coisas direito. Eu queria fazer e não conseguir fazer.* *PESQUISADORA: Você fala que tem vontade de voltar para o Japão?* *LETÍCIA: Muito!* *PESQUISADORA: Quais são essas coisas que gostaria de fazer no Japão?* *LETÍCIA: Ir para a escola e estudar direito.*

A fantasia de que o Brasil era um lugar deserto, inabitável, surge no relato de Letícia quando diz ter que deixar o oásis japonês e se deslocar para um lugar sem recursos, em busca de sobrevivência. A criança faz várias comparações entre o Brasil e o Japão. Critica a tecnologia brasileira, considerando-a de baixa qualidade, o mau comportamento dos brasileiros em relação aos professores e a falta de consciência em jogar lixo na rua. Essas diferenças são nitidamente observadas pelas crianças.

*PESQUISADORA: Você se sente feliz no Brasil?* *LETÍCIA: Às vezes sinto feliz. Às vezes acho chato ir para escola. Eu conheci amigos. A escola é boa. Pensei que o Brasil era um deserto. Monte de areia e muito quente.* *PESQUISADORA: No Brasil não tinha gente morando?* *LETÍCIA: Não.* *PESQUISADORA: Então, vocês seriam os primeiros habitantes.*

Foi na desvalorização do país presente – no caso, o Brasil –, no sentimento de rejeição, que a criança encontrou uma forma de negar a nova realidade vivida por ela. Assim, portanto, consegue preservar o país ausente. “O Brasil cheira muito fedido. Não tem esgoto. Cheira xixi e cocô.”

*PESQUISADORA: Por que achava o Brasil um lugar chato?* *LETÍCIA: Não era igual o Japão. No Japão é muito liso. No Brasil tem quebra-molas. E por isso, eu não gosto.* *PESQUISADORA: No Brasil tem obstáculos que você não gosta. Qual é o seu maior obstáculo?* *LETÍCIA: No Japão a comida e a escola são gostosas. No Brasil a comida é mais ou menos. As lojas não são bonitas. Eles vendem coisas que não prestam.*

Para a criança imigrante filha de *dekasseguis* que chega ao Brasil, parece ocorrer o processo inverso: ela não desvaloriza o país ausente, no caso o Japão. Ela o faz com o país presente, mantendo os aspectos positivos do país japonês ausente.

De acordo com Hashimoto (1995, p.93):

A desvalorização do ausente, que significa a negação dos aspectos positivos da terra natal, enquanto busca do seu próprio caminho, é dificultada pela rejeição da terra presente. Apesar da única tentativa de solução do impasse ser a desvalorização, mesmo que agressiva, torna-se difícil a passagem para a idealização do ausente. É a vivência da perda, através do desgaste da imagem ideal, o mecanismo usado para possibilitar o engrandecimento desse ideal perdido, num processo de reparação e de projeção para o passado.

Permanecem, nessas crianças, a idealização da terra ausente, a japonesa, e a negação dos aspectos bons da terra brasileira. Isso dificulta a elaboração do luto. As crianças passam a negar a nova realidade psíquica, usando de defesas maníacas, como a onipotência, o desprezo e o triunfo sobre os aspectos negativos do mundo brasileiro.

Depois de algum tempo de separação da terra japonesa, Eiko e Letícia ainda não conseguiram se desligar da terra ausente.

Na separação, a pessoa deve desligar-se da imagem idealizada do ausente e procurar substituí-la por outros ideais. Além disso, precisa continuar desenvolvendo as suas atividades normais para possibilitar a continuidade do ego. A separação consiste, portanto, na tentativa de vencer os sentimentos de ambivalência entre a lembrança idealizada e o frágil compromisso com o objeto atual. A forma mais adequada de solucionar tais conflitos é lançar mão de defesas. São esses mecanismos que vão possibilitar o desenvolvimento e adaptação à situação nova [...] e controlar essa ambivalência. (Hashimoto, 1995, p.96)

Hashimoto (1995) lembra, ainda, que o migrante, depois de algum tempo longe da terra natal, pode perceber a diferença entre o que é idealizado e que é real. Assim, essa desilusão faz o processo de luto se concretizar com o processo de diferenciação. O migrante passa a perceber a nova terra e começa a se separar da terra-mãe. Não entanto, tal separação não implica o esquecimento total, senão o ego sucumbiria.

## Ambientes escolares japônês e brasileiro

As dificuldades encontradas por essas crianças são sentidas em ambos os ambientes escolares, ou seja, tanto na escola japonesa como na escola brasileira. O choque cultural e o sentimento de estranhamento ocorrem quando elas se deparam com a língua e o ensino escolar programado.

*EIKO: O kanji era um pouco difícil de aprender, porque veio da China. Confundia com vários outros kanjis. O adulto tem que aprender o kanji e dá para entender mais coisas e palavras. PESQUISADORA: Como se sentia no Japão? EIKO: Não tinha medo. Tinha que fazer a recuperação até tirar nota azul. Eu conseguia. Eu fiz duas vezes, estava difícil.*

Não podemos deixar de considerar que esses pais *dekasseguis* – descendentes de japoneses –, mesmo sabendo falar e tendo algum domínio da língua japonesa, não são japoneses nativos. Esses *dekasseguis* são imigrantes, foram para o Japão para trabalhar em serviços de baixa qualificação, se ausentando da vida cotidiana de seus filhos em razão do excesso de carga horária de trabalho e da exaustão física e emocional. Portanto, esses pais têm pouco tempo para ficar com os filhos, e geralmente esses poucos encontros acontecem nos finais de semana, tempo que dividem entre os filhos e suas compras em mercados.

Essas crianças se sentem em “déficit” aqui e lá no Japão, tendo que correr atrás de um “tempo perdido”. Apesar das dificuldades da escrita e da compreensão do *kanji*, Eiko conseguiu recuperar as suas notas nas avaliações. Entretanto, no Brasil a situação é muito mais complicada, porque a sua dificuldade não é tão simples. A adolescente Eiko corre atrás de um tempo que não existiu em sua vida.

*EIKO: Quando estava no Japão entendia, mas não conseguia responder. Estava no infantil. Tinha 3 ou 4 anos. PESQUISADORA: Como fazia? EIKO: Respondia com a cabeça, mãos [gestos]. PESQUISADORA: Qual foi mais difícil, o Japão ou o Brasil? EIKO: Quando voltou para o Brasil foi mais difícil. Eu não entendi nada. [...] Só sabia algumas palavras em português. Não sabia as regras, os costumes. Ainda está sendo muito difícil. É mais fácil acostumar com os costumes, um ano. Estava muito tempo no Japão.* (grifo nosso)

O tempo para se adaptar a outro país é necessário e deve ser considerado nesse processo; é como um bebê que vai introjetando esse novo meio durante o seu desenvolvimento biológico, psicológico e social. Diante de tudo isso, essas crianças imigrantes vivem num “tempo acelerado”, porém atrasadas no tempo e no aprendizado escolar brasileiro, tendo que lidar constantemente com o sentimento de fracasso e impotência, que resultam em desânimo e preguiça.

*PESQUISADORA: O que pretende fazer nas férias? EIKO: Nas férias, estudar um pouquinho de japonês, que está esquecendo, e brincar um pouquinho. PESQUISADORA: Parece-me que você tem medo de esquecer a língua japonesa. EIKO: Para mim o japonês é uma ponte que atravessa a língua portuguesa. Não quero quebrar. PESQUISADORA: Como que é essa ponte? EIKO: Para mim, não consigo falar inglês e nem entender, não dá certo. Falta a língua portuguesa e a japonesa. Para aprender a língua portuguesa, tem que usar a língua japonesa. Exemplo: uma palavra que não sabia, pergunto para a minha mãe e ela traduz. A minha mãe explica em japonês para entender mais fácil o português. PESQUISADORA: Você sente que precisa do japonês para entender a língua*

portuguesa. EIKO: *É.* PESQUISADORA: *E quando não sabe a palavra na língua japonesa nem na portuguesa? EIKO: Se é palavra em japonês, se não entender, fico procurando no dicionário japonês. Em português não consigo. O dicionário explica difícil. Pra mim, não entende.* PESQUISADORA: *Então, você fica sem entender.* EIKO: *É.*

No relato seguinte, Eiko mostra o sentimento de desamparo dentro da sala de aula. Não teve voz suficiente para falar e ser correspondida. Como Freud menciona no “Projeto para uma psicologia científica” (1886-1889/1996, p.370), “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia [...]”. Eiko não pode ser vista; faltou o olhar do adulto para que não caísse em desamparo emocional. Freud diz que a descarga por meio da via de alteração interna da criança promove a função secundária de comunicação entre a criança e o adulto. Entretanto, Eiko não consegue se comunicar e tampouco se livrar da sua angústia, ficando sozinha e desamparada emocionalmente na sala de aula.

*EIKO: É legal, não usa muito o português e elas também “conversa” comigo, não fico vergonha e não fico quietinha.* PESQUISADORA: *Isso no Nikkei Clube? No Nikkei você conversa?* EIKO: *Hum.* PESQUISADORA: *Na escola que estuda você tem amigos?* EIKO: *Tenho pouquinho. Não consigo ficar muito amiga comum que eu fico no Nikkei.* PESQUISADORA: *No Nikkei já é diferente. Você sente que consegue ter mais amizades no Nikkei.* EIKO: *Uhum!*

As duas mães integradas, a japonesa e a brasileira, seriam a relação satisfatória, ou seja, a relação com um objeto total, integrado, e não parcial e fragmentado.

## Formação de vínculos

A identificação dessas crianças migrantes com a cultura brasileira e com os colegas brasileiros não acontece de imediato. A formação de novos vínculos dessas crianças em terras brasileiras é prejudicada, pois a construção de uma nova amizade acaba levando mais tempo.

O desconhecimento da língua portuguesa afeta na formação de novos vínculos? O sentimento de vergonha dessas crianças acaba atrasando a formação de novas amizades?

Eiko, até o momento presente, não conseguiu fazer novas amizades. Ela já sabe se comunicar o suficiente para construir laços de amizade, mas vive isolada.

O isolamento é um mecanismo de defesa inconsciente que o imigrante utiliza como uma proteção e preservação do ambiente antigo.

As demais crianças – Leticia e o primo Goro – estão mais integradas ao novo meio. Dizem ter amigos, apesar de estarem ainda superando, diariamente, as dificuldades com a língua portuguesa.

## Sentimento de vergonha

O sentimento de vergonha é sempre deflagrado quando há a necessidade de se expor diante de uma situação corriqueira. O sentimento de vergonha é sentido pelas crianças como medo de errar, que é uma vivência constante em sua vida, como se não pudessem lidar com as falhas e o fracasso, ou seja, com sua própria impotência. A vergonha e o medo de errar mostram o quanto a cultura japonesa está assimilada por essas crianças. A perfeição e a condenação parecem caminhar juntas nas tradições milenares do povo japonês.

*EIKO: Tenho vergonha, ainda um pouco. Já li uma vez que a professora pediu. PESQUISADORA: Como foi? EIKO: Todo mundo ficou um pouco contente. PESQUISADORA: O que sentiu na hora em que estava lendo? EIKO: Senti que não posso errar.*

O sentimento de vergonha da criança está ligado ao “não saber” diante do desconhecido.

*PESQUISADORA: O que você estava fazendo? LETÍCIA: Estava esperando a professora. Quando ela chegou, me apresentou. Eu tinha vergonha. PESQUISADORA: Por que você tinha vergonha? LETÍCIA: Não sabia as coisas direito, não sabia as palavras. PESQUISADORA: Como era essa vergonha? LETÍCIA: Vergonha de falar. No Japão não tinha vergonha dos amigos da minha irmã.*

O sentimento de vergonha não está presente só nos diálogos das crianças filhas de *dekasseguis*; também a mãe de Goro, a senhora Haru, diz sentir vergonha e medo de cometer alguma falha.

*PESQUISADORA: Você tem amigos? GORO: Todo mundo! PESQUISADORA: No intervalo como que é? GORO: Conversa pouco. Eu tenho vergonha. Vai rir de mim. PESQUISADORA: Por que pensa que as pessoas vão rir de você? GORO: Penso assim.*

*SRA. HARU: Estar na frente de todo mundo e falar errado. Nossos termos são antigos. Eles usam muitos termos ingleses. Penso: “Será que falo? Ou não falo?”. PESQUISADORA: Você fica na dúvida? SRA. HARU: Sim. Penso “Será que falo? E se falar errado?”. Japonês é tudo sistemático. Às vezes você não se encaixa aí.*

A senhora Haru nega que os japoneses possam sentir vergonha, como se isso fosse um sentimento gerado nos descendentes de japoneses brasileiros. Vemos aqui a idealização do povo japonês perfeito, sem sentimentos de inferioridade; os japoneses ficam com o sentimento bom, e os seus descendentes brasileiros, com a vivência do sentimento ruim.

*PESQUISADORA: Quando não consegue compreender, qual é o seu sentimento? GORO: Vergonha. PESQUISADORA: O que é vergonha? GORO: Todo mundo ri. PESQUISADORA: Isso está acontecendo? GORO: Não.*



Para a criança Goro, o sentimento de vergonha é não compreender a disciplina escolar e o medo de que as outras crianças possam ridicularizá-lo.

## Transnacionalismo/descendentes de japoneses

A migração de ida e volta dos imigrantes sempre existiu, não atingindo, até o momento atual, um volume crítico e a complexidade efetiva para se lançar no campo social emergente. Esses imigrantes são pessoas que vivem em dois lugares, falam dois idiomas e mantêm contatos contínuos entre ambos os países (Portes; Guarnizo; Landolt, 1999).

Em sua obra *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*, Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p.13) assinalam que as antigas migrações são distintas das contemporâneas. As velhas migrações perdem o vínculo com o seu país de origem, ao passo que nas novas migrações o imigrante se mantém vinculado à sua originalidade: “*En la actualidad, los inmigrantes desarrollan redes, actividades, estilos de vida e ideologías que engloban a la vez las sociedades de origen y de destino*”. Portanto, o transnacionalismo é definido como “*los procesos a través de los cuales los inmigrantes construyen campos sociales que conectan su país de origen y su país de asentamiento*” (Glick Schiller; Bach; Szanton Blanc, 1992 apud Solé; Parella; Cavalcanti, 2008, p.15).

Os descendentes de japoneses podem ser caracterizados como a única migração transnacional secular. Ao migrarem para outro país, não hesitaram em retornar para a terra dos seus antepassados. Os *nikkeis* brasileiros se mantiveram vinculados ao Japão por meio de cartas dirigidas aos parentes que lá ficaram, que atravessaram oceanos para chegar ao seu destino, numa época em que o transporte marítimo não tinha uma tecnologia rápida e avançada, comparada com nossa tecnologia atual.

De acordo com Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p.14), “*No todos los migrantes necesariamente se ven imbricados en prácticas*

*sociales de carácter transnacional*". Isso nos mostra que nem todos os imigrantes são transnacionais; entretanto, o desenvolvimento de novas tecnologias, que é considerado um grande marco nas ciências contemporâneas, tem acelerado os meios de comunicação e de transporte, facilitando e interligando a vida de quem mora do outro lado do mundo.

Os *dekasseguis* são eminentemente transnacionais, o que não ocorre com brasileiros que emigram para outros países, muitos dos quais acabam perdendo contato com familiares e amigos deixados no Brasil. A grande maioria dos *dekasseguis* vive um verdadeiro trânsito entre Brasil-Japão, deslocando-se mais de uma vez do Brasil ao Japão e mantendo vínculos afetivos, sociais e econômicos bastante estreitos com amigos e familiares brasileiros. Contudo, a experiência de transnacionalidade para os filhos é bem distinta da dos pais. Primeiro porque os filhos que emigraram bem novos ou que nasceram no Japão não possuem, pelo menos não de maneira forte, referências identitárias brasileiras nem mantêm contatos estreitos com os familiares que residem no Brasil, durante o período da vida que passam no Japão. Também não conseguem manter vínculo algum com aqueles que deixaram no Japão, quando se instalam no Brasil com seus pais retornados.

As crianças filhas de *dekasseguis* não têm conseguido manter o vínculo com o Japão, o qual se rompeu abruptamente no momento da sua partida. Mesmo com tantos recursos tecnológicos, não conseguem estabelecer uma conexão com a outra parte do mundo, como nos mostra o senhor Ito:

*Tem um fato que ela contou para gente e que me marcou. Eu fiquei muito sentido. Ela me falou que os amigos estavam esquecendo. Que todo mundo estava esquecendo dela.*

Os pais tentaram fazer contatos com a escola e amigos por meio de cartas, porém nunca obtiveram uma resposta. Nas escolas japonesas é comum os professores serem transferidos para outros lugares e perderem o vínculo com o antigo ambiente. A atitude desses pais

foi mais um pedido de ajuda, ou seja, um pedido de socorro para suas filhas. De certa forma, eles tentaram resgatar determinado vínculo do passado, sem nenhum êxito.

*Mandamos carta para a escola e não voltou. Eu não consigo fazer nada. Como vou fazer algum amigo para ela? Como vou fazer algum contato com professor? [...] Não houve retorno. É complicado também, porque lá no Japão os professores mudam muito. Eles não ficam estabelecidos numa escola só. De tempos em tempos eles estão mudando de lugar. É um aperfeiçoamento constante. Eles têm até aulas na faculdade. Então, aquela professora e aquele professor poderiam não estar mais lá. A carta endereçada foi para lá, mas lá não tem o professor. Não tem esse. De repente não conseguiu um outro contato. Ela falou que sonhava. É duro essa questão de sentimento.*

Essas crianças filhas de *dekasseguis*, quando chegam ao Brasil, por não manterem vínculos de amizades com a terra japonesa, temem ser esquecidas pelos seus professores e amigos que ficaram no Japão.

Para essas crianças, quais são os lugares de “origem” e de “destino”?

## **Identidade híbrida: filhos de *dekasseguis*, os legítimos nipo-brasileiros**

Será que alguns momentos de refúgio dessas crianças no Brasil estão na identidade brasileira, que nem parece estar clara ou bem definida para elas?

A questão da identidade é um assunto para ser discutido em virtude de sua complexidade, pois estamos estudando crianças descendentes de japoneses e a quarta geração de imigrantes.

Afinal, qual é a identidade dessas crianças filhas de *dekasseguis*?

Para Hall (2005, p.7), o sujeito contemporâneo é descentralizado, distinto do sujeito da modernidade, que era considerado unificado.

O sujeito na pós-modernidade é fragmentado, dando origem a novas identidades, num processo que o autor denominou *crise de identidade*.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2005, p.7).

No Japão, as irmãs Eiko e Letícia se consideravam japonesas. Para confirmar a naturalidade de Eiko, em seu registro de nascimento constava o nome da cidade japonesa de Matsumoto.

*Na verdade existe um problema de choque cultural pelo seguinte. A gente, engraçado, elas consideram japonesas. Olha só que coisa engraçada! Ela no registro de nascimento dela ela nasceu no Japão. Está lá “Matsumoto” [nome da cidade japonesa], tudo direitinho. É uma coisa engraçada assim. Aparência física de nikkei, nikkei, ela se achava assim. Quando ela entrou na escola pública lá e tudo mais, na verdade fala assim: “Por que papai e mamãe não é japonês?”.*

*Ela tinha uma certa vergonha. Um certo preconceito. Não que seja preconceito. O preconceito que nem lhe expliquei agora. Por que ocorre esse preconceito? Devido a isso, ela: “eu sou japonesa”. É engraçado ela ouvir dizer que amiguinhos dela “chegou”, que eram brasileiros. Fala que é gaijin. Que gaijin o que, minha filha? Você é brasileira. Não é, mamãe. Não é por quê? Tenho aparência de japonês. Quando a gente fala português, ela queria que a gente fosse japonês. Da melhor maneira possível, ela fala: “Fala que é japonês!”*

Na tentativa de justificar a identidade brasileira de suas filhas, o pai das crianças acaba se contradizendo ao dizer que a avó tem costumes de *nikkei-jin*, ou seja, a avó seria uma japonesa que está morando fora do Japão, e que a língua japonesa falada em família era normal.

*Isso lá no Japão. Porque lá, ela tinha um certo constrangimento por ser brasileira. Minha filha, você é brasileira. Como os amiguinhos nunca estavam com essa aparência – não só aparência, mas nossos costumes. Tenho uma avó muito rigorosa. Costumes de nikkei-jin, nissei. Para a gente falar o japonês era simples. Fácil.*

A questão da identidade não pode ser considerada somente uma discussão macrossocial, mas também uma discussão microssocial nessas famílias de descendentes de japoneses.

Essa descentralização identitária do sujeito acaba afetando também as crianças filhas de *dekasseguis* diante das mudanças geográficas e da própria construção da (e)imigração japonesa, que favorecem a experiência de vida entre duas culturas e a criação de novas identidades, uma cultura híbrida.

O problema da identidade da criança Goro era enunciada pela sua aparência de mestiço, por sua mãe ser *nikkei* brasileira e o pai não ter descendência japonesa.

*Tiveram muitas dificuldades, hem. Inclusive já pela aparência do meu filho, por ser mestiço. Ele era mestiço. Então, ele se sentia muito complexado por ele não ter olho puxado. Já começou por aí. Ele ficava me perguntando: “Mamãe, por que eu não tenho o olho puxado?”. Pra ele, os japoneses eram bonitos e ele era feio. Eu falava para ele: “Nossa, meu filho! Você está pensando diferente, porque os japoneses querem ser ocidentais”. Tanto é que lá os homens e as mulheres, eles fazem o possível para terem os olhos grandes, o cabelo enrolado. Quer parecer com ele. Eu falei para ele: “Quer parecer com você”, mas ele não aceitava isso. Até hoje ele fala isso, que bonito é o japonês. Que ele é feio. Já começou por aí.*

No Japão, a nacionalidade brasileira de Goro era algo que justificava a sua diferença entre as demais crianças japonesas e as suas dificuldades de aprendizado na escola japonesa.

*Ele sempre vinha falando pra mim: “Mamãe, eu não vou conseguir! Eu não consigo, porque é difícil”. Ele sempre colocava muitos*

*empeçilhos e ele não conseguia. Aí, ele falava até que “porque eu sou brasileiro”.*

O conflito identitário vivido por essas crianças é constante em suas vidas. Em um momento se veem japoneses e em outro se veem brasileiros. Na citação abaixo, Goro nega completamente a sua identidade brasileira.

*Os coleguinhas dele no primeiro ano até queriam chegar e saber mais dele. Só que ele acabava afastando as crianças. As crianças queriam: “Como que é o Brasil? Como se fala isso em português?”. Mas ele não queria, ele detestava falar sobre o Brasil. Porque pra ele, ele não quer ser brasileiro, não aceitou o Brasil. Então, ele falava assim: “Eu não sou brasileiro! Eu sou japonês!”. Ele falava pra mim. Por ele ter sido criado lá e crescido lá, né.*

Para Eiko, a confusão identitária também é formada pelo ambiente exterior, onde, apesar de ter passado um século dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, ainda continuam vivendo esse conflito identitário. Portanto, em território japonês o *dekassegui* descendente de japonês é visto como “brasileiro”; o contrário ocorre quando esse descendente encontra-se em terras brasileiras, pois é visto e chamado de “japonês”.

*EIKO: Hum, acho que nenhum dos dois, no Japão também as minhas amigas e meus amigos ficavam falando que eu era brasileiro e no Brasil falava que eu era japonês, e não conseguiu do qual sou brasileiro ou japonês.*

O sentimento de não pertencimento de Eiko fica claro no relato anterior, em que ela não sabe definir sua própria identidade. Essa indefinição identitária dos descendentes de japoneses brasileiros ainda persiste nessa nova geração que morou no Japão por algum tempo e que chega ou retorna ao Brasil.

*Gosto. Às vezes fico chateada e triste. Porque colega consegue e eu não. Eu também sangue de brasileiro.*

Eiko não compreende por que enfrenta tantas dificuldades no ambiente escolar, já que, tendo sangue brasileiro, ela não deveria tê-las.

*EIKO: Fui, mas tinha que vir, não tinha jeito. Eu também queria conhecer o Brasil. Porque o Brasil, na minha memória, não consigo lembrar nada. Só vendo a foto que consigo entender que estava aqui.*

Hall (2005) explica que o sujeito contemporâneo passa a não ter uma localização social sólida. O indivíduo perde a sua referência de lugar no mundo social e cultural, e também o referencial de si mesmo.

O hibridismo é definido por Hall (2005) como uma mistura entre distintas tradições culturais e novas formas de construções culturais na modernidade tardia. Essa modernidade tardia é conhecida pelo nome de globalização.

Para Naputano (2012), em sua tese de mestrado *Identidades culturais em imigrantes de segunda geração: Os filhos de Pedrinhas*, o hibridismo não é a soma de culturas distintas, mas um processo de formações culturais. Para o autor, “a cultura é sempre híbrida no sentido de ter uma perspectiva de construção histórica datada e de tensões político-sociais em sua formação” (Naputano, 2012, p.108).

Se os primeiros imigrantes japoneses que vieram para o Brasil se sentiam japoneses mesmo depois de muito tempo, e se os filhos desses imigrantes se sentiam brasileiros filhos de japoneses, os filhos dos *dekasseguis* que acompanham seus pais em longas temporadas de trabalho no Japão ou que nasceram no Japão e vieram para o Brasil dificilmente vão deixar de incorporar identificações profundas com ambas as culturas, produzindo uma identidade híbrida: nem brasileiros nem japoneses, mas sim nipo-brasileiros.

## A experiência do desamparo psíquico

O desamparo psíquico abordado na pesquisa, no processo de adaptação/readaptação dos filhos de *dekasseguis* na chegada ao Brasil, pode ser identificado nas crianças e também nos próprios pais *dekasseguis*.

Os pais sentem-se desamparados antes mesmo de retornar para o Brasil. A terra-mãe oriental que, até então, gerava um sentido de amparo ao assegurar o sustento da família, pelo trabalho, e possibilitar outras realizações pessoais, é deixada para trás no retorno para aquela outra terra-mãe nativa de onde antes havia partido.

Para os pais *dekasseguis*, sobretudo para aqueles evadidos após a crise econômica de 2008, a possibilidade de continuarem morando em terras orientais foi abruptamente interrompida e, com isso, seus sonhos se esvaíram. Em decorrência da falência do Lehman Brothers e de outros conglomerados financeiros e empresas norte-americanas, em 2008, o Japão sofreu uma das suas piores crises econômicas dos últimos tempos, desencadeando um alto índice de desemprego no país. Em razão dessa situação, muitos imigrantes *dekasseguis* têm retornado para o Brasil. Além disso, os abalos sísmicos continuam se manifestando em todo o território japonês, disparando medo e insegurança nas pessoas que moram no arquipélago, especialmente nos imigrantes brasileiros, pouco acostumados a catástrofes naturais.

O senhor Ito mencionou explicitamente a frustração do seu projeto de permanecer por mais tempo no Japão, até concluir a formação profissional dos seus filhos, quando teve de abreviar sua permanência por causa da crise econômica, que o deixou bastante inseguro. A senhora Haru acrescenta aos motivos econômicos o temor dos terremotos que, mesmo acontecendo em regiões distantes de onde morava, acentuava a sensação de insegurança e a iminência de uma condição de desamparo em terras estrangeiras. O sentimento de desamparo vivido na terra dos avós os faz voltar à terra ocidental brasileira. Assim, teriam o “continente” brasileiro como amparo, ou seja, um porto seguro para suas inseguranças.



Os pais, ao chegarem ao Brasil, perceberam que o fator idade da criança imigrante é relevante para a adaptação delas ao novo meio. Quando se deslocam bebês ou crianças menores para outros lugares ou países, estes parecem conseguir assimilar mais facilmente a nova vida.

Para os pais, a filha Eiko teve muito mais dificuldades na chegada ao Brasil, em virtude do fator idade, do que a irmã Letícia, que chegou menorzinha. Quando retornou ao Brasil, Eiko tinha quase 10 anos de idade e Letícia, 7 anos. Além da idade, temos que levar em conta o grau de escolaridade dessas crianças quando no ato da migração. Eiko alfabetizou-se na língua japonesa e concluiu no Japão a 3ª série, iniciando a 4ª série do ensino fundamental, ao passo que Letícia, aos 6 anos e meio, cursou a metade da 1ª série escolar no Japão e retornou aos 7 anos de idade para o Brasil. A criança Goro chegou aos 9 anos de idade ao Brasil, tendo cursado no Japão até a 2ª série do ensino fundamental. Será que o fator idade pode intensificar ou não o desamparo emocional dessas crianças (e)imigrantes?

Conforme Grinberg e Grinberg (1984), a experiência migratória é vivida de forma distinta em cada fase da vida. Portanto, a criança que migra em idade menor poderá assimilar mais rapidamente o novo entorno.

A criança Letícia chegou ao Brasil com 7 anos de idade e ingressou na metade da 1ª série/2º ano escolar. Apesar de suas dificuldades, Letícia está aprendendo a língua portuguesa com mais facilidade em relação à irmã Eiko e ao primo Goro, e se expressando sem o sotaque japonês. A irmã Eiko, porém, continua tendo dificuldades escolares acentuadas, por ainda não conseguir compreender a língua portuguesa instrumental e abstrata. Assim, ela se sente prejudicada por ter ingressado na 4ª série/5º ano sem nenhum conhecimento da língua portuguesa e em outro país. Demonstra muitos sofrimentos emocionais por ainda não conseguir se adaptar ao Brasil. O primo Goro, por sua vez, apesar de ter iniciado a 3ª série, não cursou a primeira nem a segunda série no Brasil. A senhora Haru interveio para que o filho fizesse os cursos de alfabetização em língua portuguesa e de matemática antes mesmo de ingressar na escola, e também que

iniciasse a 3ª série, e não a 4ª série do ensino fundamental, como a escola propunha. Deste modo, a criança Goro não perderia mais um ano escolar no Brasil.

A senhora Haru fez o processo inverso da irmã Natsu, fornecendo ao seu filho Goro alguns recursos para que não ficasse totalmente desamparado na escola. Diante da situação, mesmo dispondo de alguma bagagem na escola, a criança não deixa de se sentir desamparada emocionalmente. O estranhamento e o choque cultural, especialmente ao se deparar com a nova língua instrumental e abstrata, trazem o sentimento de desamparo.

Além da idade, o tempo de permanência das crianças imigrantes em outro ambiente escolar – no caso, na escola japonesa – é relevante para a adaptação na escola brasileira. Elas percebem que estão “atrasadas” no aprendizado, tendo que correr atrás de um “tempo perdido”, que não existiu, em terras brasileiras. Portanto, as crianças maiores parecem encontrar mais dificuldades escolares, uma vez que já chegam com uma linguagem cultural mais elaborada do que as crianças menores.

As três crianças entrevistadas chegaram ao Brasil sem saber o idioma português. O desamparo emocional vivido por elas, reflete o sentimento de perda do conhecimento da única cultura, a perda de sua própria língua, a qual traz conhecimentos abstratos e promove um trânsito entre os dois mundos, do emocional (interno) e da realidade externa. As crianças, ao perderem a língua japonesa, passam a se sentir “estrangeiras dentro do próprio lar”. Portanto, o desconhecimento da língua portuguesa é a principal barreira dessas crianças filhas de imigrantes *dekasseguis* na chegada ao Brasil.

Podemos pensar em dois momentos de grande sofrimento e desamparo psíquico com relação à língua instrumental e cultural na história de vida dessas crianças, logo que chegam ao Brasil:

- 1) O rompimento abrupto da comunicação na língua japonesa dos pais com as filhas Eiko e Leticia, ao inserirem de forma autoritária a língua portuguesa na vida dessas crianças.

- 2) O estranhamento e as dificuldades da língua portuguesa para acompanhar o novo currículo na chegada à escola.

Mesmo que a mãe da criança Goro tenha agido de forma distinta da irmã Natsu, não tendo rompido abruptamente a comunicação japonesa em família, o filho não se livrou da pressão para aprender a língua portuguesa em casa e na escola.

Para Mey (1998, p.76), “a língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo”. Portanto, a língua não é somente um representante singular no sentido pessoal; é, acima de tudo, a expressão social e cultural do indivíduo. A língua dá a interpretação de mundo.

Para Eiko, surgem a preocupação e o medo de esquecer a língua oriental, tendo que estudá-la para que não caia no esquecimento. Esse medo de perder a língua dominante nos leva a pensar que Eiko teme perder suas próprias referências orientais.

Qual a língua nativa dessas crianças? Será que elas têm uma língua “emprestada”? Talvez a língua portuguesa para esses filhos de *dekasseguis*, logo na sua chegada ao Brasil, tenha sido por certo tempo uma língua que eles não pudessem sentir como sendo sua e que frustrantemente acabavam utilizando de forma “forçada” ou “emprestada” para a comunicação no ambiente familiar e no país. Podemos dizer que, hoje, a língua portuguesa faz parte da experiência cultural desses filhos de *dekasseguis*, integrando seu novo mundo. Portanto, diante de tanta complexidade, podemos pensar que se trata de crianças bilíngues.

Como menciona Eiko em seu relato, a língua japonesa é considerada uma “ponte” que faz a ligação entre os dois mundos, o japonês e o brasileiro. Entretanto, para a compreensão desse novo mundo é necessário interpretar a mensagem na língua japonesa e traduzi-la para a língua portuguesa. Isso não se resume somente à língua mecânica instrumental – vai muito além disso, uma vez que estamos falando de uma linguagem cultural representada simbolicamente para dar sentido à interpretação da nova vida. Aqui, Eiko enfatiza a

importância do “bilinguismo”; parece que se trata de uma maneira de conseguir se integrar, não esquecendo a mãe japonesa, mas se unindo à mãe brasileira. Poderíamos pensar, então, que o bilinguismo facilitaria a formação de vínculos de amizades com as crianças da escola e livraria Eiko de viver isolada?

Essas crianças possuem vivências em duas culturas: a japonesa e a brasileira. São crianças consideradas híbridas, pois transitam rapidamente da língua portuguesa para a japonesa. Elas vivem entre dois mundos; estudaram em duas escolas; falam duas línguas; adquiriram costumes e hábitos de dois países; conseqüentemente carregam consigo uma experiência bicultural, embora a coexistência de referências pessoais a duas culturas não seja algo fácil de ser assimilado e harmonizado na composição da identidade.

O desejo de retornar ao Japão não é sentido somente pelos adultos, mas é manifestado também pelas próprias crianças filhas de *dekasseguis*. Elas parecem viver um eterno retorno, sempre em busca de um “paraíso perdido”. A condição de ser criança e os desastres naturais soam para os filhos como impedimentos para o desejado retorno imediato ao Japão. No entanto, o desejo de reencontrar, um dia, a “mãe oriental” não cessa de se manifestar e ser expresso diretamente. Por isso a importância de manter os vínculos de amizade que foram construídos no Japão e o temor de perdê-los em função das dificuldades de prosseguir relacionamentos e vínculos de amizade, mesmo com tantas tecnologias avançadas de comunicação. Às vezes, nem mesmo as mais novas tecnologias resultam em conexões entre país de origem e país de destino. Portanto, o transnacionalismo não acontece com essas crianças filhas de *dekasseguis*.

Entretanto, pais e crianças têm que lidar com a possibilidade do “fim” do sonho de retornar ao Japão, mesmo que seja por um determinado tempo. Sonho esse que possui sentidos muito diferentes para pais e filhos, cujas matrizes de identidade cultural podem atingir graus acentuados de inclinação para a cultura japonesa ou para a cultura brasileira. Para os filhos que se sentem japoneses, voltar ao Japão representa reaver a pátria-mãe; para os pais que se sentem brasileiros, ao contrário, significa abandonar a pátria-mãe. Trata-se

de casos nos quais a identidade familiar não coincide inteiramente com a identidade cultural.

Afinal, qual é a identidade dessas crianças?

Essas crianças filhas de *dekasseguis* não têm uma identidade homogênea no que diz respeito às referências culturais. São tratadas como “japonesinhos brasileiros” e podem se reconhecer dessa forma ou se opor a tal imagem híbrida.

No Japão, a questão da identidade estava muito presente no cotidiano familiar por causa dos conflitos identitários que, inevitavelmente, assolam os imigrantes e afetam particularmente os *dekasseguis*, premidos pelas referências de si enquanto brasileiros descendentes de japoneses vivendo no Japão. Essa pluralidade de referências culturais e de filiação, muitas vezes conflitivas, também é vivida por essas crianças que se sentem japonesas, filhos de nipo-brasileiros, vivendo no Brasil ou no Japão.

Definir a sua identidade não é um assunto simples para Eiko, pois ela vive um grande conflito identitário. Não sabe dizer se é brasileira ou japonesa. No Japão, os japoneses falavam que era brasileira, e no Brasil, os brasileiros falam que é japonesa. No entanto, Eiko sente que o Japão é a sua casa. Além do mais, está vivendo paralelamente a fase da adolescência, tornando ainda mais agudas as crises de identidade. A irmã Letícia se declara brasileira por ter nascido em terras brasileiras. Apesar das irmãs, no Japão, se considerarem japonesas, lá já viviam crises identitárias e passam a implorar para que os próprios pais afirmem uma identidade japonesa, não aceitando a identidade brasileira. A identidade do primo Goro, por sua vez, sofre oscilações, vai de acordo a situação do momento; no Japão queria ser japonês e no Brasil diz ser brasileiro.

Qual será o refúgio dessas crianças no Brasil, já que Letícia e Goro não trazem lembranças de um Brasil anterior? Eiko, apesar de ter nascido no Japão, veio para o Brasil bebê e aqui permaneceu por quase 2 anos e meio de vida. Ela tem poucas lembranças de experiências anteriores em terras brasileiras.

Ter o sangue brasileiro, para Eiko, parece remeter a identificações com o país. Talvez a identidade brasileira seja o refúgio para

essas crianças em alguns momentos de sofrimento emocional e também o desejo de superar as dificuldades na condição de ser criança imigrante no país que deveria ser familiar a ela. Outro momento de refúgio é o sentimento de retorno ao Japão. Pensar em voltar para o Japão é a maneira de evitar sentir-se desamparada em solo brasileiro.

O sentimento de culpa dos pais está ligado à tomada de decisão unilateral de retornar ao Brasil, sem ouvir os filhos, e também ao tratamento educacional rígido que dispensam a eles. Os pais, ao perceberem a radicalidade da mudança e os sofrimentos emocionais que acarretam na família, se culpam por não terem sido capazes de enfrentar os contratempos e temores vividos no Japão e permanecendo lá em prol dos filhos. Além de os pais sentirem culpa por tantas experiências dolorosas, as crianças também manifestam sentir culpa por não conseguirem corresponder às expectativas desses pais em relação à dura e difícil realidade, e a culpa também surge por não atingirem as médias nas avaliações escolares, e temem a perda do amor dos pais. Entretanto, essas crianças vivem em suas fantasias experiências de abandono que resultam em desamparo emocional. Esses pais e as crianças imigrantes parecem padecer de um sofrimento duplicado de culpa, ou seja, uma “culpa dobrada”.

Os pais, desorientados emocionalmente diante da vivência migratória, acabam não conseguindo servir satisfatoriamente de “capa protetora” para suas filhas.

A senhora Haru, percebendo as dificuldades da criança pelo desconhecimento da língua portuguesa, tenta amenizar a situação, dizendo que no Japão a criança ingressa na escola japonesa e passa a falar em casa a língua japonesa. Argumenta que o filho Goro não lhe deu opção para que pudesse desenvolver a língua portuguesa dentro de casa, ou seja, em família. A mãe se sente vítima da condição de imigrante, afastando o sentimento de culpa. No Brasil, logo na chegada, a senhora Haru tenta fazer a reparação, fornecendo um ambiente mais acolhedor ao seu filho.

Além de tantos sentimentos que surgem nessas famílias *dekasseguis*, o sentimento de vergonha é outro que eclode dentro desses turbilhões de afetos.

O sentimento de vergonha dessas crianças imigrantes está explícito em seus comportamentos e relatos. O sentimento de vergonha está ligado ao não saber, ao medo de errar e de se expor diante do outro. Elas trazem em suas fantasias enraizadas a cultura japonesa e a consciência de que não podem falhar. O sentimento de fracasso gera o sentimento de impotência. Além do mais, essas crianças continuam desvalorizando a terra presente e valorizando a terra ausente. Assim, a terra-mãe oriental continua idealizada e bem viva no mundo interno dessas crianças.

Concluimos que são inúmeras as dificuldades da família *dekasegui* na chegada ao Brasil, cujo pano de fundo é o estranhamento do ambiente que antes era bastante familiar. Aquelas imagens de si, ligadas a registros de experiências anteriores vividas no Brasil, não coincidem com e não se atualizam naquelas que emergem do presente, gerando um estranhamento de si mesmo. Também é nesse momento que os pais confrontam a identidade cultural de seus filhos, fortemente enraizada na cultura japonesa, o que não era tão evidentemente quando viviam no Japão. A língua será o principal indicador das raízes mais profundas da identidade cultural dos filhos e o desafio maior a ser enfrentado.

O fator idade, o tempo de permanência no exterior e o grau de escolaridade em que essas crianças se encontram no ato da imigração acabam contribuindo para as dificuldades de adaptação/readaptação na escola. Eiko não fez vínculos de amizades e vive isolada, enquanto Letícia e Goro estão se integrando ao novo entorno. Porém, a problemática da língua continua para as três crianças, em níveis distintos de dificuldades. O sentimento de desamparo faz parte da saga familiar desses imigrantes *dekasseguis*, que passam por separações e muitas perdas nesse trânsito migratório.

Outro aspecto a ser ressaltado nesta pesquisa, à guisa de conclusão, foi a notável importância do espaço criado pelas entrevistas realizadas para que os participantes, sobretudo os filhos dos *dekasseguis*, pudessem, ali, na relação e no vínculo estabelecido com o pesquisador, expressar, compartilhar e elaborar suas angústias, dificuldades e desafios, rompendo com sentimentos de solidão e

retraimento que irrompem na experiência do desamparo. Ao longo das sessões de entrevistas foi possível observar uma progressiva desinibição, segurança e confiança na relação, que permitiam àquelas crianças e adolescentes se arriscar a falar, a se comunicar, a expor seus problemas, sentimentos, desejos, projetos, dilemas, enfim, tudo que as afetava nessa rica porém difícil experiência de ter que passar a habitar, repentinamente, um outro mundo, muito diferente daquele ao qual estavam habituadas. A dificuldade maior, tal como pudemos constatar, é não terem espaços e oportunidades, seja na escola, na própria família, seja em outro lugar, justamente para poderem falar e serem escutados em suas agruras e desafios. As sessões de entrevistas que se alongaram por um tempo significativo acabaram por constituir um “espaço continente”, onde podiam aportar, com segurança e confiança, para elaborar os acontecimentos de suas derivas e aventuras pelo desconhecido. Assim, esperamos que esse espaço possa ser valorizado e tornar-se um “espaço multiplicado”. Alguns desafios se colocam com mais premência e precisam ser enfrentados pelas instituições que lidam diretamente com a realidade dos *dekasseguis*:

Como as escolas poderiam se preparar para lidar com as dificuldades de adaptação/readaptação, sobretudo no que diz respeito ao aprendizado da língua portuguesa?

Ensinar a língua portuguesa por meio do conhecimento da língua japonesa seria um caminho a ser traçado dentro da instituição escolar? Promoveria, desta forma, o aprendizado do bilinguismo?

Como acolher os *dekasseguis* retornados, de forma a minimizar seus problemas de adaptação/readaptação na chegada ao Brasil?

Como favorecer o transnacionalismo nas crianças mediante a continuidade de vínculos de amizade com os colegas que deixaram no Japão? Como ajudá-las na formação de laços de amizade com crianças brasileiras? Como promover o transnacionalismo nessas crianças?